

**CRÍTICA SOCIAL E DISCURSO:
MOMENTOS CRÍTICOS NO DEBATE DE PRESIDENCIÁVEIS BRASILEIROS**

**SOCIAL CRITICISM AND DISCOURSE:
CRITICAL MOMENTS IN THE DEBATE OF BRAZILIAN PRESIDENTIAL
CANDIDATES**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2023v14n2p254-271

Claudênia de Paula Lemos¹
Lucineudo Machado Irineu²
Rebeca Sales Pereira³

Resumo: Este artigo analisa a construção discursiva de momentos críticos (MAGALHÃES, 2016) presentes nas falas dos candidatos à presidência do Brasil durante o primeiro debate de 2018. Partimos dos trabalhos de Ferreira e Rajagopalan (2016) sobre os estudos críticos, de Magalhães (2016) e Pennycook (2012) sobre “momento crítico” e de Fairclough (2001; 2003) sobre Análise de Discurso Crítica. O *corpus* analisado é constituído de trechos das falas dos candidatos presidenciais durante o primeiro debate de 2018. Os resultados apontaram que os candidatos apresentaram momentos críticos por escolha lexical que constrói imagens de si e dos demais candidatos e do governo antagonicamente.

Palavras-chave: crítica na linguagem; Análise de Discurso Crítica; gênero debate.

Abstract: This paper analyzes the discursive construction of critical moments (MAGALHÃES, 2016) present in the statements of the presidential candidates of Brazil during the first debate of 2018. We based our studies on Ferreira and Rajagopalan (2016) about critical studies, by Magalhães (2016) and Pennycook (2012) about “critical moment” and Fairclough (2001; 2003) about Critical Discourse Analysis. The *corpus* analyzed consists of excerpts from the statements of the presidential candidates during the first debate of 2018. The results showed that the candidates presented critical moments by lexical choice that construct images of themselves and the other candidates and the government antagonistically.

Keywords: criticism in language; Critical Discourse Analysis; debate.

Introdução

Este artigo analisa identificações discursivas na construção de momentos críticos [MAGALHÃES (2016); PENNYCOOK, (2012)] presentes nas falas dos candidatos à

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, professora da Secretaria de Educação do Ceará, e-mail: claudenialeamos1@gmail.com, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3651-4030>

² Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, professor da Universidade Estadual do Ceará, e-mail: lucineudo.irineu@uece.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2713-3228>

³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Ceará, professora da Secretaria de Educação do Ceará, e-mail: rebeca.pereira@prof.ce.gov.br, ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4292-0425>

presidência do Brasil, no primeiro debate televisivo de 2018, com base nas estratégias linguístico-discursivas empregadas em sua linguagem.

O debate teve duração de 3 horas e 13 minutos e contou com a participação de oito candidatos, os quais foram dispostos um ao lado do outro por meio de uma ordem definida por sorteio. Ao longo do tempo de realização, o debate foi conduzido em cinco blocos distintos: o primeiro abordou o questionamento de leitores do "Metro Jornal" e perguntas entre os candidatos; o segundo e o quarto consistiram em perguntas feitas por jornalistas do Grupo Bandeirantes; o terceiro bloco foi dedicado a perguntas entre os próprios candidatos; e, por fim, o quinto bloco abrigou as considerações finais dos participantes.

Durante o debate, as principais temáticas sociais que faziam parte do contexto do país fizeram parte da discussão, tais como geração de emprego, segurança pública, saúde, educação, combate à corrupção, imigração, feminicídio e meio ambiente. Por serem questões sociais constituídas discursivamente e discutidas por atores sociais que ocupam posição de destaque social, enxergamos nelas uma possibilidade de examinar como a linguagem é usada para construir narrativas, moldar percepções e influenciar opiniões e tomadas de decisões no contexto político.

O *corpus* analisado é constituído de trechos das falas dos oito candidatos presidenciais durante o primeiro debate de 2018, transmitido pela emissora televisiva Rede Bandeirantes⁴, em 09/08/2018, e foram transcritos pelos autores diretamente da gravação disponibilizada de maneira pública e gratuita no canal de *YouTube* dessa mesma emissora, denominado Band Jornalismo.

A escolha desse debate se deu em razão de ser a primeira exposição e defesa dos candidatos a respeito de suas propostas de governo diante de seus rivais, antes de redimensionarem suas falas, em razão da repercussão da mídia. O debate “regrado público” é uma prática em que há uma disputa discursiva e multissemiótica (gestos, roupa utilizada, forma de dirigir o olhar e a fala ao oponente ou ao telespectador) pelo poder e por uma verdade que os candidatos almejam para o convencimento de seus eleitores. Ao apresentar suas propostas e críticas a vários aspectos do governo vigente, eles buscam persuadir os eleitores por meio de

⁴ Rede Bandeirantes é uma rede de televisão aberta comercial brasileira pertencente ao Grupo Bandeirantes. A transmissão do debate foi feita, ao mesmo tempo, pelo canal de tv e seu canal do *YouTube* (Band Jornalismo), de onde foi feita a transcrição dos dados. Seu acesso pode ser feito pelo seguinte link: https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=9EnJeUKwX_c.

um arsenal de palavras e expressões que constroem identidades de si e representações sobre diversos aspectos da sociedade.

Na atualidade, a construção desse discurso persuasivo ao longo do processo eleitoral se dá não somente através desse gênero textual, mas também pelas demais ferramentas comunicativas que estão imersas no universo digital da internet e das redes sociais. Além de pesquisar conteúdo, as novas ferramentas digitais permitem tanto a criação quanto a manipulação de dados, o que torna o acesso à informação confuso e fragmentado, pois já não se pode ter sempre certeza da veracidade do que é visto, lido e/ou ouvido. Assim, tanto os candidatos quanto os eleitores, além de receber informações (sejam elas verídicas ou não), também podem publicá-las em suas redes sociais.

Essa realidade constitui um momento, considerado por Giddens (1991) como “Modernidade Tardia”, em que senso comum e pensamento científico disputam lugar na aceitação popular, o que requer dos atores sociais, acima de tudo, um posicionamento crítico. Para esclarecer sobre a importância desse posicionamento crítico em relação ao uso e à análise da linguagem na modernidade tardia, primeiramente discutiremos sobre o próprio conceito de crítica e depois sobre a teoria e o método adotados, para, em seguida, realizar a análise propriamente dita.

1 O conceito de crítica nos estudos da linguagem

Ferreira e Rajagopalan (2016) discutem sobre a origem do termo crítica nos estudos da linguagem, desde seus pressupostos ontológicos até sua influência em epistemologias contemporâneas. Os autores esclarecem que “já se foi o tempo em que se achava que bastava se entregar de corpo e alma a uma ideologia de vanguarda qualquer para que se pudesse considerar crítico em plena acepção do termo” (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 20). A crítica, segundo os autores, é um termo inicialmente introduzido por Kant, em referência ao seu estudo sobre a razão humana, e que traz desde os primeiros estudos, uma pluralidade de acepções. Os autores ressaltam que etimologicamente seu sentido está calcado em duas noções: a de crise e a de critério (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p.15). Sendo assim, crítica por meio da linguagem seria um posicionamento assumido por um indivíduo diante de situações de crise, as quais podem surgir devido a eventos políticos, sociais, econômicos ou culturais. O objetivo da crítica por meio da linguagem seria estabelecer critérios para superá-la. Tomar um posicionamento crítico nas ciências da linguagem passou a significar necessariamente um olhar

para sua relação com a sociedade. raias importantes que abalam o status quo e geram debates e controvérsias.

Magalhães (2016, p.237-238) também se refere à dificuldade de se conceituar o termo crítica, apresentando treze acepções ao termo reunidas por Pennycook (2012). Dentre elas, a autora destaca cinco acepções como aquelas que estão mais diretamente relacionadas ao debate na Análise de Discurso Crítica, principalmente na abordagem Dialético-Relacional proposta pelo linguista britânico Fairclough (2003), vertente teórica que adotamos para este trabalho.

- a) “Uma prática problematizadora [...], uma forma de pensar de outra maneira [...], uma perspectiva que questione as categorias - consciência, racionalidade, emancipação - que subjazem a uma agenda socialmente transformadora” (FAIRCLOUGH, 2003, p.130);
- b) “Um momento crítico, um ponto significativo, um instante em que as coisas mudam” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 131);
- c) “Uma demanda ética e política de pensar de outra forma, de desenvolver uma forma de resistência crítica, de ver outras possibilidades [...] uma questão do inesperado e de tornar-se o Outro” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 139);
- d) “Um entendimento de que a crítica significa aproveitar pequenos e inesperados momentos para abrir a porta que leva a uma perspectiva mais crítica” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 147);
- e) “A aprendizagem da capacidade de desaprender [...], não esperando o esperado, problematizando normas assumidas sobre possíveis variedades da língua e possíveis pedagogias” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 148).

As definições destacadas por Magalhães (2016) evidenciam que as teorias de orientação crítica são práticas reflexivas, engajadas e que se abrem para reflexões sobre a própria ciência, além de, como aponta o último trecho, defenderem que o que é construído discursivamente também pode ser desconstruído da mesma maneira.

Segundo Matos (1993), os primeiros investimentos em uma Teoria Crítica tiveram sua origem nas reflexões filosóficas em um período, assim como o que estamos vivendo, de intensas transformações. No início do século XX, diante do avanço do Nazismo na Europa, diversos pensadores reuniram-se em torno da reflexão de que os ideais fundantes do Iluminismo já não davam conta de explicar as transformações sociais que aconteciam na Modernidade e que era necessária uma abordagem crítica.

Nesse contexto sócio histórico e político de tensão das relações sociais, alguns filósofos reuniram-se em torno de ideias comuns guiadas pela obra de Karl Marx e formaram o que hoje é conhecida como a Escola de Frankfurt, que teve como seus principais pensadores Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin e Jürgen Habermas. Os frankfurtianos, em contraposição às noções de cartesianismo e positivismo, acreditavam que a ciência moderna deveria abrir-se a uma linha de raciocínio crítica, flexível e transdisciplinar,

que desse conta do que mais adiante Giddens (1991), denominaria de “desencaixe das práticas sociais”, proporcionado pela modernidade tardia.

De acordo com Peixoto (2016), uma abordagem teórico-analítica que se queira crítica caracteriza-se por três pilares: a preocupação com as relações de poder, o engajamento com a mudança ou a emancipação social e o interesse pela contradição. Para explicar a preocupação com as relações de poder, podemos pensar em como análises acerca das desigualdades de gênero em uma sociedade podem contribuir para revelar como o poder é distribuído e como restringe as oportunidades e a representatividade das mulheres em diferentes esferas sociais. No que diz respeito ao engajamento com a mudança, salientamos que a abordagem crítica não se contenta apenas em descrever o *status quo*, mas também se compromete a pensar em maneiras de promover uma realidade menos assimétrica diante das relações sociais de poder. Por fim, o interesse pela contradição promove o questionamento acerca daquilo que está discursivamente construído na sociedade, de modo a fazer um trabalho interpretativo em torno do “óbvio” sociohistoricamente construído como verdade.

Ou seja, o fazer crítico parte da reflexão sobre “o que não é” e sobre “o que poderia vir a ser” para a partir daí identificar os obstáculos que impedem a realidade imaginada de se tornar possível. Nobre (2011) aponta dois princípios fundamentais da teoria crítica: um exercício teórico e analítico com vistas à emancipação social e um comportamento problematizador quanto aos conhecimentos produzidos.

No campo de estudos da Linguística, diferentes vertentes críticas emergiram a partir da “Virada Linguística” e se consolidaram ao investigar o papel da linguagem na vida social (pós) moderna através de categorias linguísticas, como é o caso da Análise de Discurso Crítica desenvolvida por Fairclough (2001), cujo ideal constituinte é a transformação social com vistas à emancipação de minorias por meio do desvelamento de relações assimétricas de poder estabelecidas e/ou mantidas discursivamente. Apresentaremos brevemente, a seguir, como se constitui essa abordagem.

2 Análise de Discurso Crítica: uma abordagem teórico-metodológica

A Análise de Discurso Crítica, enquanto abordagem teórico-metodológica, constitui-se como um campo de estudos heterogêneo pertencente à tradição de estudos críticos da linguagem e que relaciona os fenômenos linguísticos ao contexto e às práticas sociais através de três princípios básicos: a interdisciplinaridade, o caráter posicionado do/a investigador/a e o uso de categorias linguísticas.

Nesta pesquisa, de enfoque qualitativo [GEERTZ, (1989); ANGROSINO; FLICK, 2009], adotamos o método de Análise de Discurso Textualmente Orientada (ADTO) [CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, (1999); MAGALHÃES, (2004)], por meio do qual é possível “mapear escolhas linguísticas em contextos sociais amplos, a fim de desenvolver uma compreensão acurada do funcionamento social da linguagem” (RESENDE, 2009, p. 47). Isso quer dizer que por meio da ADTO, é possível identificar e analisar as escolhas linguísticas feitas por atores sociais em diferentes práticas discursivas que constituem as diferentes práticas sociais, de modo a investigar como a linguagem é usada para construir significados, fortalecer ideologias, expressar identidades e fortalecer as relações assimétricas de poder em contextos sociais variados.

Analisaremos um *corpus* constituído da transcrição das falas dos oito candidatos presidenciais que participaram do primeiro debate regrado público de 2018, que foram transcritos pelos autores diretamente da gravação disponibilizada de maneira pública e gratuita no canal de *YouTube* dessa mesma emissora, denominado Band Jornalismo⁵, a fim de identificar os momentos críticos [PENNYCOOK, (2012); MAGALHÃES, (2016)] presentes, mapeando as estratégias linguístico-discursivas utilizadas. Consideraremos as categorias textuais do significado identificacional do discurso: 'avaliação' e 'escolha lexical'; e, portanto, detemo-nos na explicação breve apenas de tais categorias.

A categoria avaliação é analisada linguisticamente a partir de expressões de valor (em termos do que é ou não desejável) e de afeto, que podem ser apresentadas no texto de maneira modalizada ou categórica (não modalizada). A modalidade é um conceito estudado por várias abordagens⁶, mas na ADC, é fonte de análise dessas expressões avaliativas.

A modalidade pode ser expressa textualmente por meio de verbos e advérbios modais, considerados modalizadores canônicos, mas também pode ser realizada por meio de adjetivos, substantivos, algumas orações ou expressões com sentido modalizador, além da entonação de fala. O uso de determinado modalizador em dado contexto, proporcionará baixo ou alto comprometimento avaliativo dos atores sociais [FAIRCLOUGH, (2001); (2003)]. Conduziremos a análise com base nas categorizações de modalidade como epistêmica (nível das possibilidades) e deôntica (nível das obrigações), considerando todas as possibilidades de

⁵ O debate dos presidenciais 2018, televisionado pela rede bandeirantes, cuja gravação está disponível no canal de *YouTube*, acessado pelo seguinte link: https://www.youtube.com/watch?v=9EnJeUKwX_c.

⁶ Schlee (2011, p.70) apresenta a discussão de vários autores acerca das denominações de modalidade, partindo de sua relação histórica com a Lógica.

modalizadores textuais não canônicos: asseveradores (reforço do comprometimento com o que é dito) e atenuantes (diminuição do comprometimento com o que é dito).

A escolha lexical também é uma categoria do significado identificacional do discurso que se mostrou relevante no *corpus* ora analisado, ao revelar posicionamentos ideológicos. Além de ser empregada pelos atores sociais em construções de imagens de si (identificações), são fontes importantes para a representação de imagens de outros atores sociais.

3 Crise e critério em cena

O período eleitoral de 2018 foi marcado por uma intensa polarização de ideias e manifestações populares contra o governo vigente. O debate ora analisado contou com a participação de oito dos candidatos mais bem colocados nas pesquisas sobre intenções de votos. No entanto, o candidato com maior porcentagem dessas intenções de voto, até então, não pôde estar presente, pois estava encarcerado após um julgamento ímpar no cenário brasileiro: por sua celeridade e pela forma como foram tratadas as evidências do caso. Esse candidato representava a personificação do Partido dos Trabalhadores (PT), que governou nos últimos doze anos, e estava passando por inúmeras acusações de corrupção. A presidenta Dilma Rousseff, do mesmo partido, teve seu mandato interrompido e foi substituída por seu vice, que empreendeu várias medidas neoliberais.

Esse contexto, que é constituído por outros eventos que abalaram a estabilidade do governo, ocasionou um sentimento de descontentamento geral da nação. Uma parte desse sentimento foi convertida em um antipartidarismo direcionado ao PT (antipetismo), o que levou muitos brasileiros a considerarem viável qualquer outra escolha presidencial que não fosse o candidato desse partido. Outra parte dos eleitores, mobilizou-se contra um candidato específico (Jair Bolsonaro), por considerar que seu plano de governo propunha medidas autoritárias que ameaçavam a democracia.

A maior manifestação pública da insatisfação de todos os grupos foi por meio das redes sociais e do aplicativo *WhatsApp*, onde houve uma efervescência de memes e matérias jornalísticas, sendo cada vez mais complicado verificar a veracidade das informações compartilhadas. Inclusive, a veiculação de notícias falsas (*fake news*) a respeito dos candidatos à presidência foi apontada por vários cidadãos e instituições da mídia como responsável pela manipulação de ideias acerca da escolha presidencial. Além disso, também foi por meio das

redes sociais que houve a mobilização mais representativa contra o candidato Bolsonaro, organizada por um grupo de mulheres que levou milhares às ruas.

Como discutido no primeiro tópico deste artigo, é em momentos de crise, como ao que nos referimos, que os atores sociais buscam estratégias para superá-la (MATOS, 1993). O debate é, portanto, uma forma de apresentar esses critérios no plano do discurso e é como pretendemos analisar os momentos críticos [MAGALHÃES (2016); PENNYCOOK (2012)] dos candidatos à presidência neste artigo.

Diante da análise das falas dos candidatos, foi possível identificar um padrão de construção discursiva, uma sintaxe específica dos momentos críticos apresentados. Segue-se preferencialmente a seguinte ordem: 1. contextualização avaliativa de um problema social suscitado (por jornalista ou outro candidato); 2. crítica ao governo vigente ou ao candidato oponente ou a um problema específico (gerado pelo problema social discutido); 3. apresentação de critérios para superar esse problema. Esse padrão de construção discursiva verificou-se tanto na primeira resposta, quanto na réplica e na tréplica, com raras exceções.

Como ressaltado na introdução, tanto aspectos discursivos quanto não discursivos influenciam na construção do sentido, como, por exemplo, o fato de que Guilherme Boulos foi o único candidato a não utilizar terno, nesse evento discursivo. O candidato investiu em uma imagem mais popular, tanto em suas falas (como mostraremos ao longo da análise), como em sua indumentária e postura.

Primeiramente destacamos a fala da candidata Marina Silva, que consideramos a mais prototípica do padrão de construção discursiva identificado:

Esse, de fato, é um tema que tem uma natureza bastante difícil e complexa. Envolve questões de natureza emocional, de natureza filosófica, de natureza moral e de natureza religiosa. E obviamente que o que todos queremos é que nenhuma mulher tenha que fazer um aborto, porque isso não pode ser advogado como método contraceptivo. E o que nós queremos é que se tenha planejamento familiar, educação, para que nenhuma mulher tenha que lançar mão de uma forma extrema, que não é desejado. E, eu defendo a forma que já está prevista na lei, mas se tiver que ampliar, eu defendo que seja feito um plebiscito, escutando o conjunto da população brasileira.

Marina Silva apresenta uma avaliação categórica do tema aborto como “de natureza bastante difícil, complexa, de natureza filosófica, de natureza moral e de natureza religiosa” e partindo dessa apreciação, critica o fato de que seja usado como método contraceptivo⁷ (problema específico), posicionando-se a favor da “forma que já está prevista na lei”. Aqui, a

⁷ Esse argumento, em si, é uma falácia, pois métodos contraceptivos são aqueles que evitam a concepção (fecundação do óvulo pelo espermatozoide) e o aborto só pode ser praticado após a concepção.

candidata lança mão de um aspecto jurídico - que se refere à criminalização da mulher e do/a profissional que realizar aborto; definitivamente, não é neutro o fato de ela evitar a palavra 'criminalização', em sua fala, já que é um vocábulo geralmente referido por atores sociais favoráveis à descriminalização do aborto. Por fim, propõe como critério/solução para superar esse problema, que haja um investimento na educação das mulheres e que seja feito um plebiscito (gênero textual: forma de ação no mundo, como aponta Fairclough, 2003) para consultar o “conjunto da população”. Desse modo, a candidata constrói uma imagem de si coletiva e contida em relação a um posicionamento considerado tradicional diante do tema, ou seja, coloca a solução como um espaço (o plebiscito) para definir como resolver o problema ao invés de já expor o seu posicionamento.

A pergunta sobre o mesmo tema também foi direcionada ao candidato Boulos, que apresentou uma articulação distinta do momento crítico [MAGALHÃES (2016); PENNYCOOK (2012)]:

Olha! Ninguém é a favor do aborto, nós somos a favor do direito das mulheres de decidirem. O que nós não defendemos é que as mulheres continuem sendo presas ou morram porque fazem abortos nas condições mais precárias [...] Aliás, mulheres pobres e negras, porque as mulheres mais ricas fazem em condições adequadas, em boas clínicas. Como o caso da Ingriane, que nós vimos nessa semana na audiência do Supremo Tribunal Federal, jovem, mãe de 3 filhos [...]. No nosso governo, aborto não vai ser tema do código penal, vai ser tema do SUS. É um tema de saúde pública[...] Agora, além disso, nós vamos colocar outras políticas pras mulheres, como creche em tempo integral pras mães que trabalham e estudam, o que já era a proposta da nossa querida companheira Marielle Franco, brutalmente assassinada. Nós vamos também ter um atendimento especial no SUS para as mulheres, nós vamos ter políticas que assegurem igualdade salarial, ao contrário do que já foi dito aqui, o governo pode e deve garantir que as mulheres ganhem os mesmos salários que os homens para o mesmo tipo de trabalho. Nós temos que combater o machismo estrutural nesse país, assegurar o direito aborto é um caminho, a igualdade salarial é outro e políticas públicas em educação e saúde o nosso governo vai garantir. Eu tenho ao meu lado a Sônia Guajajara, liderança indígena, mulher nordestina e que também vai me ajudar a fazer isso.

[...]

tréplica de Boulos: [...]esse é um tema das mulheres. As mulheres têm o direito de decidir sobre esse tema muito mais do que os homens e por isso nós achamos que deve se focalizar a posição das mulheres, como nós vimos agora na Argentina [...]e o Senado Federal argentino composto majoritariamente por homens lamentavelmente vetou isso. É muito cômodo negar o direito ao aborto para as mulheres e continuar permitindo que homens não assumam seus filhos. Milhões de homens nesse país que não botam o nome na carteira de identidade do filho e abandonam. Nós vimos isso na seleção brasileira, agora na Copa [...] Nosso governo vai colocar esse debate sem medo, sem tabu.

Boulos apresenta um posicionamento crítico em relação à formulação da pergunta da jornalista (“O senhor é a favor da liberação do aborto no Brasil? E se for eleito, como vai tratar

isso na rede pública?”). Em sua apreciação, traça um panorama do tema aborto, relacionando-o a questões socioeconômicas e étnicas historicamente situadas e depois apresenta como critério a transposição do tema para ser tratado na agenda da saúde, e não da segurança pública. O candidato não se refere apenas ao tema em si, como fez Marina, mas o atrela a uma discussão sobre a situação da mulher na sociedade brasileira, citando ainda propostas para a melhoria dessas vidas em outros âmbitos.

Após a apresentação desses critérios, apresenta uma nova crítica à sociedade, denunciando o “machismo estrutural” para reforçar os critérios que apresentou anteriormente. Ao citar sua vice (construção de imagem: “liderança indígena, mulher nordestina”) e apresentar uma proposta que era de Mariele Franco (construção de imagem: “brutalmente assassinada”, proponente de projetos para as mulheres trabalhadoras e estudantes), Boulos defende a participação de mulheres na tomada de decisões que lhes tocam diretamente, dentre elas, o aborto. O candidato, distintamente de Marina, demonstra uma posição de enfrentamento ao conservadorismo e favorável ao desencaixe das práticas sociais (GIDDENS, 1991), que exige novas soluções para novas demandas da modernidade tardia.

Por meio desse padrão de construção discursiva, Boulos legitima que seu posicionamento é coerente com o que propõe. O candidato aborda o tema por um espectro que não foi considerado por Marina, que citou apenas a educação das mulheres, como suficiente para evitar a decisão, que categorizou como “extrema”, de recorrer ao aborto. Além disso, Marina propõe que a decisão sobre a (des)criminalização do aborto deve ser do “conjunto da população brasileira”, enquanto Boulos direciona o poder de discussão e decisão às mulheres, criticando o lugar social (CERTEAU, 2008)⁸ do homem brasileiro e sua não participação na família. Como analisado, a fala de Boulos traz críticas e critérios amplos, apontando, inclusive, posicionamentos ideológicos/morais como critério para superar problemas: “Nosso governo vai colocar esse debate sem medo, sem tabu”. Esse é seu principal investimento na imagem de si e, como em todas as suas falas, é feito categoricamente através de “uma demanda ética e política de pensar de outra forma, [...]de ver outras possibilidades” (MAGALHÃES, 2016) e com vistas à emancipação social (FAIRCLOUGH, 2001). Em outras palavras, trata-se de questionar o *status quo* e trabalhar em direção à emancipação social através da identificação das contradições e assimetrias de poder socialmente consolidadas.

⁸ Segundo Certeau (2008), dependendo do lugar social que ocupa/assume o ator social, espera-se dele que haja de certa maneira e cumpra normas socialmente construídas.

Na contramão disso, houve falas de candidatos em que os critérios foram parciais, incompatíveis com o problema ou até mesmo inexistentes (apresentação apenas dos dois primeiros passos do padrão de construção discursiva). Na apreciação, os candidatos, em sua maioria, relataram situações que consideraram positivas em suas experiências governamentais ou apresentaram um problema social com base em vozes de autoridade e pesquisas científicas. Uma fala representativa é a do candidato Álvaro Dias, quando indagado como resolveria o problema do aumento de casos de violência doméstica, especificamente de feminicídios, apontado pelos dados do Anuário Brasileiro de Segurança Pública⁹:

Mulheres e jovens. Nos últimos 10 anos, de 2006 a 2016, nós tivemos o sepultamento de 324.000 jovens de 14 a 25 anos no nosso país, 7 vezes mais que o número de soldados mortos na Guerra do Vietnã durante 20 anos. Os governantes deveriam pedir perdão ao povo brasileiro. Não há como afirmar que não temos recursos, nós gastamos mais em segurança do que os países da OCDE todos eles. O problema é honestidade, planejamento e competência. É preciso restabelecer a autoridade. Não há autoridade constituída e quando a autoridade não se impõe, a marginalidade se sobrepõe e o crime cresce de forma avassaladora no país como ocorre hoje. Nós temos 3 itens: financiamento, capacitação e indução de políticas corretas e uma política de segurança pública de estado e não de governo, combate ao tráfico de drogas/à produção e ao tráfico de drogas, instituindo uma frente latino-americana.

Embora a pergunta tenha sido sobre violência contra mulheres, Álvaro Dias, desde sua primeira frase, tece toda uma argumentação a respeito de segurança pública, de maneira geral. O candidato apresenta dados quantitativos como força argumentativa, o que é uma estratégia utilizada pela maioria dos candidatos em suas avaliações do problema. Verificamos alguns desses dados quantitativos e percebemos que muitos deles estão incorretos (como é o caso da fala de Álvaro Dias), mas o oponente não os rebates no momento, possivelmente por desconhecimento dos dados reais. Na frase “Os governantes deveriam pedir perdão ao povo brasileiro”, Álvaro se exime da culpa que ele atribui aos políticos, embora ele mesmo seja um deles, tendo em vista que exerce cargo de senador do estado do Paraná. A estratégia discursiva é a de centralizar a responsabilidade no poder Executivo, em vez de partilhá-la com o Legislativo, do qual ele faz parte. As modalizações “é preciso” e “deveriam” são usadas em um sentido que reforça o comprometimento avaliativo do candidato.

O candidato finaliza sua fala apresentando vários critérios (FERREIRA; RAJAGOPALAN, 2016, p. 15) para a segurança pública, em coerência com o que tomou como problema a ser analisado, mas claramente são incompatíveis com o problema proposto pela entrevistadora.

⁹ <http://www.forumseguranca.org.br/atividades/anuario/>.

Outro exemplo de critério apresentado e que foge à lógica esperada para o debate presidencial é o usado pelo candidato Cabo Daciolo:

Tá chegando o momento de nós clamarmos a Deus, aquele que vai dar vitória para nossa nação, em nome do Senhor Jesus. Transformação! Ela está próxima, confie. Fé, esperança e amor vão transformar a nossa nação.

Ao criticar a corrupção e a formação de alianças partidárias feitas por alguns candidatos à presidência, Daciolo apresenta como critérios para superação desse problema aspectos relacionados à religiosidade (mais especificamente o Cristianismo) e para isso faz escolhas lexicais [FAIRCLOUGH, (2001); (2003)] que mobilizam os sentimentos e as emoções dos eleitores. Esses argumentos são, no mínimo, questionáveis como compatíveis com os problemas sociais apresentados; além de ser incompatível com a laicidade estatal. Aqui, o objetivo é unicamente voltado à mobilização das paixões dos eleitores, como Matos (1993) ressaltou que ocorreu no início da modernidade. Os demais candidatos também mobilizam essas paixões, mas nessa fala de Daciolo, ela é o único critério adotado.

A próxima fala analisada é do candidato Bolsonaro, quando perguntado pelo candidato Ciro sobre qual seria sua proposta para o problema do endividamento dos brasileiros que têm seu nome na lista do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC).

Bolsonaro: [...] muita gente honesta entrou no SPC acreditando na política do PT, acreditando que o emprego viria ou que não perderia seu emprego. Veio a corrupção, veio a roubalheira e aqueles que compraram uma geladeira, uma máquina de lavar roupa, até mesmo um ferro elétrico, teve que devolver. Tem gente então honesta que tá no SPC, mas tem muito, mas muito bandido também. Eu desconheço aqui o volume, acho que até a vossa senhoria desconhece o volume que desse pessoal/63 milhões que deve o SPC. Eu acho que equivale aí, com toda certeza, é quase um PIB do Brasil, isso daí. E eu também estou curioso, eu quero saber/te respondo a pergunta aqui (risos)/ que você nos diga como tirar esse pessoal do SPC. Eu acho que não vai ser/eu acho que não vai ser rodando dinheiro e nem dando uma canetada, até porque não teríamos poder pra isso. Tô ansioso pela tua resposta.

Em sua apreciação do problema, Bolsonaro faz pressuposições sobre a honestidade das pessoas que estão na lista do SPC (construção de imagem: “muita gente honesta, muito bandido”). O candidato alega desconhecer o “volume” de cada categoria que ele criou para os indivíduos e demonstra desconhecimento de todos os valores quantitativos que busca comparar, mas arrisca dizer: “Eu acho que equivale aí com toda certeza é quase um PIB do Brasil, isso daí”. A oscilação em seu comprometimento avaliativo é clara pela utilização de modalizadores epistêmicos (“eu acho”) e asseveradores (“com toda certeza”) em uma mesma sentença. No fim, não apresenta critérios e devolve a pergunta ao oponente.

Um debate nesses termos foge, inclusive, do que se espera do próprio gênero discursivo. Como afirma Pennycook (2012), momento crítico é um momento em que as coisas mudam. Se não houver critérios, não há mudança. Não há proposta.

Outros fatores que se destacaram nos momentos críticos apresentados pelos candidatos foram suas escolhas lexicais, metáforas e expressões populares (ou intertextualidades com a cultura popular, por exemplo: “a raposa cuidando do galinheiro”, referindo-se ao conto popular, “Robin wood ao contrário” referindo-se ao personagem clássico, “cinquenta tons de Temer” referindo-se ao filme internacional, “no verão passado” referindo-se também a um filme internacional). Essas estratégias foram usadas de modo argumentativo em seus momentos críticos como peças-chave na construção de imagens de si, imagens de outros candidatos ou representação de aspectos da sociedade. Destacamos, a seguir, algumas falas representativas:

Ciro: eu vou propor uma nova reforma trabalhista que corrija as imperfeições da legislação, que é antiga/ por exemplo, os abusos da justiça do trabalho, mas essa que foi feita aí é uma selvageria que agravou dramaticamente a insegurança e o medo da imensa maioria do povo brasileiro.[...]32 milhões de brasileiros na informalidade, correndo do rapa, vivendo de bico sem nenhuma proteção. 13 milhões de brasileiros desempregados, mais 11 milhões de garotos que nem nem: nem estudam nem trabalham. [...]nenhum lugar do mundo resolveu seu problema assim [...]a Alemanha é o país mais competitivo do mundo e não foi aviltando salário. A gente tem que fazer uma reforma que proteja o trabalhador e que proteja na luta do mais fraco contra o mais forte, aquele lado mais fraco. Isso é a maior obviedade. A Previdência: esse sistema que tá aí é irreformável porque eu disse/a nossa população envelheceu e essa brutal quantidade de pessoas na informalidade [...] a reforma que o Temer fez, com toda a selvageria, obrigar o professor a trabalhar 49 anos [...] Eu proponho um novo regime de capitalização e vou propor ao longo da campanha como se fazer a transição. Boulos: [...] o Meirelles é o maior exemplo de uma coisa chamada porta giratória [...] porta giratória é a raposa cuidando do galinheiro. É isso que faz o estado brasileiro ser o Robin Wood ao contrário, que tira dos mais pobres e da classe média para dar para os super-ricos. Para enfrentar isso, e nós vamos enfrentar esses privilégios, não pode ter rabo preso [...]

Boulos: [...]aqui tem cinquenta Tons de Temer[...] muita gente que diz que quer renovação, mudança, tem que ver onde tava no Verão Passado [...]

Ciro lança mão de vários vocábulos e expressões, posicionando-se incisivamente em relação à legislação trabalhista anterior à reforma (“imperfeições”, “abusos”), à Reforma Trabalhista (“selvageria”, “dramaticamente a insegurança e o medo”), à Reforma da Previdência (“irreformável”, “selvageria”), reforma que ele mesmo vai propor (“que proteja o trabalhador e que proteja na luta do mais fraco contra o mais forte, aquele lado mais fraco”). No final de sua fala, composta basicamente por críticas ao atual governo, ele apresenta um critério para superá-lo (“um novo regime de capitalização”). Embora não apresente detalhes sobre como fará esse regime, Ciro demonstra textualmente que está consciente da falta dessa informação (“vou propor ao longo da campanha como se fazer a transição”). O candidato

mantém um comprometimento avaliativo alto em sua fala, marcada pelo uso de expressões categóricas e deônticas (“tem que fazer uma reforma”).

Apesar de vários candidatos terem citado muitas expressões populares, o candidato Boulos é aquele que mais se destaca por usar estratégias discursivas desse tipo (“rabo preso”; “porta giratória [...] porta giratória é a raposa cuidando do galinheiro”: aqui ele explica uma metáfora com uma expressão popular). Além dessas expressões, ele lança mão de muitas metáforas e intertextualidades [FAIRCLOUGH, (2001); (2003)] com gêneros populares, como filmes (“Cinquenta tons de Temer”, “Onde tava no Verão Passado”¹⁰) e histórias folclóricas (“Robin Wood”). Marina também lança mão de estratégia parecida na seguinte frase: “[...] já está cheio de lobo mau querendo comer o dinheiro da vovozinha”.

Boulos utiliza uma fala clara e simples, didática, explicando ao ouvinte os problemas sociais que estão sendo abordados e construindo imagens de seus oponentes e de si mesmo com riqueza de adjetivos e advérbios. Como apontamos no início da análise, ele é o que mais problematiza suas falas com histórias reais, amplamente divulgadas pela mídia, propondo “uma agenda socialmente transformadora” (MAGALHÃES, 2016). Ou seja, a mudança social requer um trabalho coletivo e de desconstrução de assimetrias de poder que estão discursivamente inseridas na sociedade, o que demanda problematizar e propor novas maneiras de enxergar as questões sociais.

Além de delimitar suas identificações em suas falas a partir da escolha do léxico, dos discursos e dos dados estatísticos, os candidatos também investiram em uma estratégia direta na construção de imagens de si, categorizando a si mesmos direta ou indiretamente. A construção da imagem de si apresenta-se na fala dos candidatos como importante parte do momento crítico (PENNYCOOK, 2012), ao estabelecerem comparações de si com outros políticos para reforçar seus posicionamentos, sua idoneidade e qualificação para o cargo pelo qual disputam. A seguir, apresentamos alguns trechos:

Ciro:[...] haja muitos privilégios especialmente na justiça, no Ministério Público e entre os políticos. Por isso, eu nunca aceitei receber as três aposentadorias que eu teria direito.

Bolsonaro: O único que pode romper essa barreira, o establishment, a máquina, o sistema, é Jair Bolsonaro, que nós temos moral e honestidade para cumprir essa missão

Daciolo: [...]eu sou o cabo Daciolo, servo do Deus vivo, sou cristão, Bombeiro Militar e dizer ao meu companheiro Bolsonaro: né o único não, irmão. Eu tô aqui. Nação brasileira, nós que estamos aqui vamos transformar a nação brasileira pra honra e

¹⁰ Jogo de palavras com os filmes populares 'Cinquenta tons de cinza' e 'Eu sei o que vocês fizeram no verão passado'.

glória do senhor Jesus. Agora, lembrando: cuidado com esses políticos que estão há anos na nação.

Marina: [...] eu sou um milagre da educação. Eu fui analfabeta até os 16 anos, fiz Mobral, supletivo de primeiro e segundo grau, sou com muito orgulho professora de História pela Universidade Federal do Acre. Eu sei o que a educação pode fazer na vida das pessoas e é por isso que o meu compromisso com a educação é um compromisso inarredável. Educação de qualidade. É por isso que também estamos dialogando com o Todos Pela Educação [...] a educação, às vezes vira um discurso vago, entra governo e sai governo e é prioridade, mas nós queremos fazer da educação uma prioridade para que ninguém tenha que entrar por uma fresta como eu tive que entrar.

Ciro usou a estratégia discursiva de levar o ouvinte a uma conclusão sobre seu caráter, ao afirmar que recusou benefícios a que tinha direito por considerá-los “privilégio” de políticos. Dessa maneira, investe, ao mesmo tempo, em uma imagem positiva sua e negativa dos candidatos que fizeram diferente.

Os demais candidatos, por sua vez, categorizaram a si mesmos diretamente (construíram suas identidades), por meio de adjetivos que os colocavam em posição de idoneidade e competência. Bolsonaro, por exemplo, faz uma explanação sobre a irresponsabilidade do governo vigente e termina sua frase garantindo que sua “moral” e “honestidade” são ideais e ele é o único que pode mudar aquilo que considera de ruim no governo. Já Daciolo, suscita identificações de cunho religioso (“servo do Deus vivo, sou cristão”), profissional/parte de um grupo social (“cabo”, “Bombeiro Militar”) e lança mão do discurso religioso (“vamos transformar a nação brasileira pra honra e glória do senhor Jesus”) como forma de legitimação de sua identificação social.

A fala de Marina é baseada em uma narrativa breve de sua vida e sua relação com a educação. Além dela, Boulos é aquele que mais faz narrativas breves. Quando constroem seu discurso dessa maneira, demonstram maior comprometimento em suas falas, apresentando poucos modalizadores epistêmicos e mais asseveradores.

Marina constrói para si uma imagem de alguém que tem motivos pessoais para defender a educação como prioridade (“sou um milagre da educação, sou com muito orgulho professora de História, meu compromisso com a educação é um compromisso inarredável”). Em sua fala, a candidata também lança mão de duas metáforas: “discurso vago” e “entrar por uma fresta”. A primeira, assim como nas falas dos demais candidatos, critica o tratamento dado à educação pelos governos anteriores; e a segunda, relaciona a sua própria experiência com a educação baseada em dificuldades, que fazem que seu sucesso seja por ela considerado como “milagre” ou “entrar por uma fresta”.

Importante ressaltar que nenhuma dessas falas foi feita em um momento reservado à apresentação pessoal dos candidatos. Todas elas faziam parte dos momentos críticos apresentados para perguntas direcionadas a eles sobre problemas sociais diversos. O que se verifica é que o debate não é realizado em sua essência como gênero oral, que deve suscitar respostas a perguntas e possui uma estrutura de fala inicial, réplica e tréplica que deve manter o diálogo entre os participantes. Efetivamente, os candidatos utilizam seu momento de fala para apresentar críticas (nem sempre relacionadas ao tema, como comprovado) e fazer um investimento positivo em sua própria imagem a partir de suas ações em mandatos que exercem ou exerceram. Nem sempre os critérios são apresentados satisfatoriamente, assim como o estabelecimento do diálogo, que é a base da constituição do gênero debate.

Considerações finais

Neste trabalho, analisamos os momentos críticos apresentados pelos candidatos à presidência do Brasil em 2018, identificando as estratégias linguístico-discursivas na construção da crítica delineada pelos candidatos aos aspectos suscitados no debate, mostrando suas apreciações da crise e suas propostas de critério para superá-la. Os resultados apontaram um padrão de construção discursiva presente na fala dos candidatos, focalizando uma aproximação com os eleitores por meio de escolhas lexicais, metáforas, expressões populares e mobilização de emoções e crenças dos atores sociais.

A desconstrução e a reflexão acerca da realidade, necessárias à construção dos momentos críticos e que é onde se encontra a possibilidade de mudança social, foi a parte do padrão de construção discursiva menos presente nas falas dos candidatos, o que constitui um fator preocupante, pois é nesse ponto do debate que se espera encontrar propostas para a superação dos problemas sociais vigentes e até então não solucionados pelo atual governo.

Enfatizamos a contribuição da Análise de Discurso Crítica, adotada neste artigo, como “instrumento para a análise e a crítica de problemas sociais discursivamente manifestos, a fim de mapear os modos pelos quais escolhas linguísticas de falantes ou grupos de atores sociais relacionam-se a questões sociais mais amplas.” (RESENDE, 2009, p. 86). Almejamos que o exercício analítico-reflexivo que apresentamos possa motivar trabalhos futuros sobre a linguagem em uso em práticas sociais diversas, principalmente nesse momento de crise que passamos, na modernidade tardia. Uma proposta interessante é uma pesquisa de natureza etnográfico-discursiva (MAGALHÃES, 2000), que se tem provado de grande valor na

compreensão de diversas práticas sociais; dessa forma, formar-se-ia um panorama mais amplo desta temática.

Referências

ANGROSINO, Michael; FLICK, Uwe (Coord.). *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CHOULIARAKI, Lilie; FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse in late modernity: rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982[2008].

FAIRCLOUGH, Norman. *Analysing discourse: Textual analysis for social research*. New York: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. (tradução: Izabel Magalhães et al) Brasília - DF: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016, 314p.

FLICK, Uwe. *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. – 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. In: GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989, p. 13-41.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Tradução de Raul Fiker. - São. Paulo: Editora UNESP, 1991.

GONÇALVES, José Carlos. Enquadres Interacionais na comunicação médico-paciente: perspectivas em conflito. *Revista Língua(gem)*, v.1, no.1, p.89-110, 2004.

MAGALHÃES, Izabel. Crítica social e discurso. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016, 314p.

MAGALHÃES, Izabel. Teoria crítica do discurso e texto. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, v.4. Especial, p. 113-131, 2004.

MAGALHÃES, Izabel. *Eu e tu: a constituição do sujeito no discurso médico*. Brasília: Thesaurus, 2000.

MATOS, Olgária Chain Féres. *A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo*. São Paulo: Moderna, 1993.

NOBRE, Marcos. *A teoria crítica*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PEIXOTO, Maria Eduarda Gonçalves. A teoria crítica do discurso de Ernesto Laclau. In: FERREIRA, Ruberval; RAJAGOPALAN, Kanavillil (Org.). *Um mapa da crítica nos estudos da linguagem e do discurso*. 1. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016, 314p.

PENNYCOOK, Alastair. *Language and mobility: unexpected places*. Bristol/Buffalo/Toronto: Multilingual Mattes, 2012.

RESENDE, Viviane de Melo, *Análise de discurso crítica e realismo crítico: implicações interdisciplinares*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2009.

SCHLEE, Magda Bahia. Breve abordagem da categoria discursiva modalidade. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, v. IX, p. 157-169, 2011.

DEBATE NA BAND: reveja na íntegra o 1º confronto entre os presidenciáveis. Band Jornalismo, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=9EnJeUKwX_c>. Acesso em: 26 de setembro de 2023.

*Recebido em 30 de junho de 2023
Aceito em 28 de setembro de 2023*